

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

JUVENTUDE E ASSENTAMENTO RURAL: HIERARQUIAS DE GÊNERO E. GERAÇÃO.

Maíra Martins.

Cita:

Maíra Martins (2009). *JUVENTUDE E ASSENTAMENTO RURAL: HIERARQUIAS DE GÊNERO E. GERAÇÃO*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1760>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

JUVENTUDE E ASSENTAMENTO RURAL: HIERARQUIAS DE GÊNERO E GERAÇÃO¹

Maíra Martins/ UFRRJ
Mestre em Ciências Sociais CPDA-UFRRJ
mairamts@gmail.com

O tema e a problemática

Esse trabalho está baseado nos resultados da pesquisa de dissertação de mestrado cujo objetivo foi investigar como o processo social e político de reforma agrária tem sido vivenciado pela juventude em um assentamento rural, em fase de instalação. Com esse propósito, procurei perceber como os jovens representavam esse universo e identificar o seu lugar no assentamento. A pesquisa de campo foi realizada no recém-criado Assentamento Rural Paz na Terra (2005), situado no município de Cardoso Moreira, Região Norte Fluminense (RJ, Brasil).

Considerarei o “assentamento rural” como um objeto de estudo particular porque, além de envolver um projeto de desenvolvimento promovido pelo estado, é fruto de investimento coletivo e de mobilização em busca da terra (PALMEIRA; LEITE, 1998:139). Apesar de formalmente assentadas, o momento de espera do parcelamento dos lotes consistia em uma situação singular, conferindo marcante ambigüidade a essa passagem do *acampamento* para o *assentamento* e às percepções sociais sobre essa situação. O momento de acampamento, que precede o assentamento, tem sido entendido por diferentes autores como um ritual de passagem em que as pessoas vivem outras formas de sociabilidade (CHAVES, 2005; SIGAU et L’ESTOILE, 2006), mudança de valores e construção de identidades políticas (FERNANDES, 1996). Já o assentamento é compreendido como um processo de mudança que envolve o “desenraizamento” e o “enraizamento” em uma nova condição social (NEVES, 1997b). Questionando, em parte, esses entendimentos, busquei verificar no Assentamento Paz na Terra quais seriam as mudanças na vida e nas expectativas das famílias, e como todo esse processo era representado.

Interessava-me perceber as dimensões subjetivas do processo de reforma agrária e, para tal, optei por um recorte na juventude. Assim, a partir dessa situação questionei como os jovens estariam reagindo a esse novo contexto – levando em consideração que grande parte deles nunca havia morado no meio rural. Como eles viam essa mudança e a perspectiva de moradia no assentamento?

Contudo, tomar a própria noção de juventude como objeto de pesquisa implica, sem dúvida, reconhecer o intenso debate conceitual, teórico e político acerca da mesma. Ao mesmo tempo em que a categoria juventude é constantemente associada à dimensão biológica representada por idades e fases de desenvolvimento do indivíduo, também está imbricada aos padrões culturais que marcam essas fases, como etapas do ciclo de vida e processos de socialização. O significado social da categoria juventude varia ao

¹ Artigo a ser apresentado no Grupo de Trabalho 22: Sociología de la infancia y Juventud no XXVII Congreso Internacional de la Asociación Latinoamericana de Sociología (ALAS), 31 de agosto al 4 de septiembre de 2009, Buenos Aires, Argentina.

longo do tempo e dos contextos, pois a consciência e o sentimento em torno das idades da vida transformam-se segundo as distintas percepções sociais sobre a família e a sociedade (ARIÉS, 1981). Mas é possível dizer que a noção moderna de juventude teria sido “cristalizada” na separação entre os “seres adultos” e os “seres em formação” (PERALVA, 1997).

Uma das críticas à percepção social e às construções sociológicas que delimitam atributos inerentes aos jovens partiu de Bourdieu (1983). Para este, as fronteiras entre juventude e velhice são sempre objetos de disputa em todas as sociedades – o que definiria a juventude não seriam atributos específicos, mas as relações de dominação e hierarquia que estruturam as posições sociais, pois toda classificação seria uma imposição de limites e um ordenamento social. A juventude como “apenas uma palavra” estaria desprovida de conteúdo se abordada separadamente das relações sociais na qual é significativa.

Nesse sentido, compreendi os jovens como aqueles que vivem o mesmo processo histórico e cultural, que possuem certa identidade decorrente da posição que ocupam na sociedade, mas vivenciam a juventude de forma diferenciada, pois outras variáveis como gênero, etnicidade, religião, classe, responsabilidades, expectativas fazem parte da definição de quem é visto ou considerado jovem (HONWANA E BOECK, 2005).

Por isso, busquei identificar a maneira como juventude estava colocada no assentamento, identificar os jovens de Paz na Terra a partir do trabalho de campo, nas representações às quais estavam associados e as posições sociais que os demarcavam². E, para compreender o sentido do processo de assentamento rural para os jovens, parti da análise das estratégias de reprodução social das famílias de Paz na Terra (BOURDIEU, 1994) e dos sistemas de valores e práticas nas quais estavam inscritas, entendidos como um *habitus* das classes populares.

A juventude no assentamento rural: *hierarquias, participação e engajamento*

Nas falas dos adultos e lideranças do assentamento, a juventude não era colocada como uma questão importante, sobretudo se comparada aos aspectos relacionados à implantação do assentamento e à infra-estrutura do mesmo. Nas conversas com os adultos, “os jovens” apareciam associados à idéia de “transgressão”. Eram colocados como aqueles que “não tinham educação”, “faziam muita bagunça”, faziam “coisas que não deviam” como roubar manga, tomar banho dentro da cisterna, ver as mulheres pela fresta dos barracos, usar drogas, roubar e “ensinar aos mais novos”. Essas imagens construídas sobre os jovens, como “problema social”, ou mesmo como negação ou ausência (“desinteressados”, os que não estudam, nem trabalham), foram bastante significativas da representação social sobre a juventude como sujeitos incompletos ou mesmo “incapazes de se tornarem sujeitos” (ABRAMO, 1997).

A pesquisa pôde identificar que tanto no processo de formação do Assentamento Paz na Terra como nas discussões acerca da implantação do mesmo - no momento em

² De um universo de aproximadamente 300 pessoas identifiquei 38 “jovens” com idades entre 14 e 30 anos – 15 moças e 23 rapazes. Por meio de visitas mensais ao assentamento, com duração de dez dias, entre os meses de julho e novembro do ano de 2007, e um retorno em fevereiro de 2008, realizei as minhas observações de campo que incluíram 30 entrevistas semi-estruturadas, sendo destas 17 entrevistas com os chefes de família, dez entrevistas com os jovens, duas com dirigentes do MST e uma com a professora da escola municipal.

que se encontravam à espera do parcelamento dos lotes- os jovens não tinham lugar nem voz. Segundo uma liderança do MST que atuou na região, Paz na Terra havia sido um acampamento muito “organizado”, de onde foram projetados muitos militantes para o MST no estado do Rio de Janeiro, no entanto, os militantes formados a partir de Paz na Terra não tinham esse perfil, tratando-se, em maioria, de pessoas “mais velhas” e que “possuíam família”.³

Os principais limites associados à participação da juventude relacionavam-se à cultura “conservadora” da região onde se situava o assentamento, que “não confiava” nos jovens e em sua capacidade para assumir responsabilidades. Por serem muitos deles oriundos de favelas e bairros pobres do entorno da cidade havia também especulações acerca do envolvimento dos jovens com drogas, bem como acusações de terem sido eles os responsáveis por pequenos delitos dentro do assentamento.

A maior parte dos jovens no assentamento Paz na Terra nunca esteve inserida em qualquer espaço de representação política formal no assentamento. Os pais e os “adultos” eram os que freqüentavam as reuniões, bem como os responsáveis pela tomada de decisões. Como evidencia a fala de um jovem que se coloca “de fora” dessas questões, qualificando sua participação apenas em situações de exceção:

R.– Sei lá ... eu sei que Antonio e minha mãe se preocupam com isso, então, eu não vou me preocupar, já tem os dois, não é? Aí, eu fico mais “por fora”.

Eles estão mais envolvidos nas coisas que acontecem?

R. – É nas coisas que acontecem eles estão mais envolvidos, em reunião são eles que comparecem; eu só vou à reunião simplesmente quando não tem ninguém em casa, mas se tiver alguém em casa eu não vou, são sempre eles mesmo. (jovem assentado, 22 anos)

Os únicos jovens que participavam de reuniões e assumiram lugares de coordenadores dentro do assentamento foram aqueles que ingressaram sozinhos no acampamento. O processo de se tornar militante, e atuar no assentamento, não deixava de ser conflituoso e envolver frustrações por parte dos jovens, como foi o caso de um jovem. Ele participou de um curso para militantes do MST⁴, no Pontal do Paranapanema (SP), voltou “muito animado” para atuar em Paz na Terra. Contudo, apesar de ter sido coordenador-geral do assentamento, desistiu de ser militante frente à dificuldade de lidar com as pessoas:

B.– Mas o povo é meio esquisito, por que quanto mais eu fazia bem mais eles me criticavam, jogavam pedra... Então quanto mais eu corria atrás, fazendo ação para eles e aqui para nós, eles já falavam: “Não, mas ele está fazendo

³ Ele caracterizou como “jovens” os militantes da Região Norte Fluminense que coordenaram o processo de ocupações de Paz na Terra, cujas idades encontravam-se, na época, entre 18 e 25 anos. Na leitura desse e de outros militantes do MST, o fato de pessoas “mais velhas” despontarem como liderança implicava alguns limites ao movimento, pois diante das dificuldades financeiras estes tinham que se ausentar das tarefas militantes para atender às demandas imediatas de sua família. Nessa lógica, a juventude seria aquela que, teria menor “peso familiar” e “menos responsabilidades” e dessa maneira mais disponibilidade (e potencialidade) para assumir tarefas e participar de cursos de formação política do MST.

⁴ Os cursos de formação política são referidos pelos jovens como espaços que marcaram a sua entrada no movimento social, mas pode-se dizer que, desde sua integração ao acampamento, uma gama de saberes e condutas são apreendidas, resultando na inserção em instâncias decisórias, em coordenações do movimento e na sua consolidação como referência e liderança dentro da área de assentamento. Os cursos têm, em grande medida, o intuito de formar o militante para atuar no seu assentamento ou acampamento, coordenar setores, dentro e fora das áreas de reforma agrária, com atuação a nível regional ou estadual.

isso à toa?” Aí, saía o comentário: “Ah, ele está levando algum por fora, não sei o quê, não sei o que lá...” Cara, isso me chateava muito, e eu fazia de coração... Só que me machucava... (jovem assentado, 28 anos)

O fato de os jovens que estavam requerendo um lote para si terem se inserido nas esferas políticas do assentamento parecia estar associado à sua condição mais “livre” da autoridade paterna e do controle das relações familiares. O que não evitava, por outro lado, que estivessem igualmente submetidos às críticas, à desconfiança e ao questionamento acerca da sua eficiência como liderança. A não-participação e inserção da juventude nas esferas organizativas, dentro ou fora do assentamento, pareciam reproduzir a posição subordinada dos jovens como filhos de assentados e as relações de hierarquia entre jovens e adultos. Somado às representações sobre os jovens como um “problema”, ou como desinteressados em relação às questões coletivas, podemos visualizar as divisões de poderes entre gerações (BOURDIEU, 1983; CASTRO, 2005).

Houve tentativas, por parte de agentes externos e militantes, de “fazer alguma coisa” com os jovens, tais como projetos de extensão universitária, bem como outras atividades. Contudo, a maioria dessas atividades foi frustrada para ambos, especialmente pela não-continuidade das iniciativas por parte dos jovens, no momento em que os mediadores se retiram. Revelavam, em grande medida, os limites das relações entre mediadores e jovens, marcadas também por hierarquias.

Gênero, geração e as representações sobre o assentamento

Na perspectiva da maioria dos “adultos” assentados de Paz na Terra, o ingresso no assentamento rural pode ser entendido como uma das estratégias de reprodução social das famílias para superar condições adversas de trabalho e moradia, inscritas em um *habitus*, que envolve sistemas de valores e práticas, tais como a mobilidade campo-cidade e a circulação das crianças e jovens por redes familiares. Os assentados buscam melhores condições de vida para si e para seus filhos, sendo estes últimos uma das principais justificativas para o ingresso em Paz na Terra, ou seja, para dar-lhes oportunidades distintas das que teriam nos bairros de origem e favelas, onde estariam mais sujeitos à violência e às condições degradantes de trabalho.

As diferenças em termos de ingresso dos jovens foram importantes para analisar a maneira como eles lidavam com o assentamento e com o dilema *ficar-sair* do meio rural. É comum nos contextos de reforma agrária que nem todos os membros das famílias, sobretudo os filhos, ingressem nos acampamentos e ocupações de terra, em um primeiro momento. Depois que as famílias se estabelecem no assentamento (ou mesmo na época do acampamento) muitos pais trazem os filhos. A maioria dos jovens de Paz na Terra não participou de todo o processo de assentamento, e somente ingressou no assentamento por conta do desejo e do projeto de vida de seus pais que sonhavam em “ter um pedaço de terra”, uma “casa”, um “lugar”. Desta maneira, em razão do vínculo com a família e da condição de dependentes. Para muitos jovens a ida para o assentamento (ou acampamento) consistiu em uma mudança imposta em suas vidas.

A origem mais “rural” ou “urbana” das famílias dos jovens não se apresentou como determinante nas formulações e representações dos mesmos a respeito do assentamento. Embora eu tenha identificado que muitos dos seus pais viveram a infância em fazendas da Região Norte Fluminense, seus filhos cresceram em bairros pobres de Campos dos Goytacazes e arredores, como jovens “urbanos” que foram para

o campo. Grande parte deles nunca havia tido contato com o meio rural antes da entrada no assentamento, e os que viviam estabeleciam circulação cotidiana entre campo e cidade.

Para os jovens, a ida para o assentamento produziu mudanças nas suas vidas, bem como novas experiências. Para alguns, novos laços pessoais e afetivos foram construídos ao longo do processo de acampamento e assentamento, tendo havido, inclusive, a formação de novos núcleos familiares. Para um grupo restrito, o engajamento militante se aliou a novos compromissos com o assentamento e com a agricultura, como titulares dos lotes.

No entanto, a questão de gênero também se apresentou como importante recorte para olhar a juventude em Paz na Terra. Embora, a dinâmica de sociabilidade dos jovens não reproduzisse os círculos de relações dos pais, pois os jovens transitavam por distintos espaços, interligados, como escola, futebol, igreja – esta expressava significativas diferenças entre os gêneros. Ao olhar para os rapazes, o assentamento parecia ser um lugar onde sempre havia alguma “coisa” para fazer. Os rapazes circulavam bastante pelo assentamento, conversavam em grupos, andavam em “turmas”, caçavam passarinhos, andavam a cavalo, jogavam bola, *videogame*, *flipper*. Por outro lado, a “invisibilidade” das moças chamou-me a atenção, principalmente, frente à dificuldade que tive em aproximar-me delas, quase sempre restritas ao espaço doméstico. As jovens não andavam em “turmas”, sua circulação no assentamento era menos intensa que a dos rapazes. Sua forma de ocupação do tempo livre era assistir ao jogo de futebol aos domingos, freqüentar cultos religiosos, conversar na casa das amigas, ou parentes, e assistir à televisão.

A “invisibilidade” das jovens estendia-se também aos espaços de participação no assentamento e atividades “militantes”. Para as jovens, a queixa de que “não havia nada para fazer” era recorrente, bem como o desejo de “Ir embora”, “sair dali”, quando indagadas sobre o que pretendiam fazer no futuro. A rejeição ao assentamento estava associada não apenas a comparação com a cidade e outros atrativos, que colocava o assentamento como lugar “feio” ou “calmo demais”, mas também ao controle exercido sobre as jovens e a falta de perspectivas das mesmas.

Um dado que chamou muito atenção durante o trabalho de campo foi certa ausência de perspectivas, especialmente das moças, tanto em relação ao assentamento, como a sua própria vida e seu futuro. A surpresa em encontrar jovens que não “projetavam” suas vidas, me fez questionar o próprio referencial de “projeto” (VELHO, 1994) com os quais constantemente temos visto os jovens sem, entretanto, situá-los nos contextos familiares, a partir dos recortes de gênero, dentre outros.

Percebi ainda como as identidades dos jovens construídas acerca de sua condição de assentados rurais – identidade que em eventos políticos era positivada e exaltada - guardava um leque de ambigüidades em Paz na Terra. De um lado, em contraste com as imagens da “favela” e da violência urbana, o assentamento era positivado como espaço rural, por ser mais “calmo” e “tranquilo”. Mas, associado às imagens veiculadas pela mídia, e senso comum, sobre os acampamentos e ocupações de terra, o assentamento era também motivo de vergonha e constrangimentos para os jovens.

As representações e imagens em jogo articulavam-se às perspectivas de vida da juventude e à questão da sua permanência no assentamento. Para a maioria deles o assentamento representava um projeto de vida de seus pais, com o qual pouco se envolviam. O barraco no assentamento ou a casa no lote em um futuro próximo consistiam numa opção de moradia, conforme a dinâmica de cada jovem e sua família em relação ao trabalho, estudo, ou outros interesses.

Para muitos jovens o assentamento talvez seja apenas mais um lugar de “passagem”, ou mesmo um lugar de moradia da família, em razão da transitoriedade de sua situação e da incerteza quanto ao futuro. Para alguns poucos jovens, o assentamento se colocava como um lugar em que planejavam suas vidas. Mas, de uma forma geral, os jovens em Paz na Terra não elaboravam muitas expectativas acerca de seu futuro, seja no assentamento ou fora dele. A maioria dos jovens não parecia vislumbrar muitos caminhos abertos, a serem percorridos.

Os jovens rurais – entendidos como aqueles que moram no campo – têm assumido, recentemente, maior visibilidade e reconhecimento de sua especificidade na sociedade brasileira. E aos jovens assentados tem sido atribuído um papel importante na continuidade dos projetos de assentamento rural⁵. No entanto, o que se observa no interior dos assentamentos, como no caso de Paz na Terra, aponta para a dificuldade de diálogo entre os projetos de reforma agrária, seja por parte dos pais, dos movimentos sociais ou dos agentes governamentais e a juventude, de maneira que a juventude se insira e compartilhe desses projetos. O principal “lugar” da juventude no assentamento era o de filhos. Esse lugar estava marcado pelas relações de hierarquia entre as gerações, pela reprodução dos tradicionais papéis de gênero e pela dificuldade de serem reconhecidos como sujeitos, o que também tem sido verificado em tantos outros contextos rurais.

Bibliografia

- ABRAMO, Helena. “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil”. In: PERALVA, A. e SPOSITO, M. (org.), **Juventude e Contemporaneidade** – Revista Brasileira de Educação, n.5/6, São Paulo: ANPED, 1997.
- ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. São Paulo: Zahar, 1981
- BOURDIEU, Pierre. “Une classe objet.” In: **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n.17-18, nov. 1977. p.2-5
- _____. “Juventude é apenas uma palavra”. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983.
- _____. “Stratégies de reproduction et modes de dominationa”. In: **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 105, déc. 1994. p.1-12.
- CASTRO, Elisa Guaraná. **Entre ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. Tese (Doutorado em antropologia social) Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2005
- CHAVES, Christine. **A Marcha Nacional dos Sem-Terra: estudo de um ritual político**. Rio de Janeiro, Relume & Dumará. 2000.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST. Formação e territorialização**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.
- HONWANA, Alcinda et DE BOECK, Filip (org.). **Makers and breakers: children and youth in postcolonial Africa**. Currey: Oxford, 2005.

⁵ Importante enfatizar que os jovens têm conquistado maior visibilidade também nos movimentos sociais do campo, que passaram a inserir a juventude e suas especificidades dentro de sua organização. Apesar disso, muitas lideranças, especialmente do MST, admitem a dificuldade do movimento social em interferir na dinâmica interna dos assentamentos e das famílias no que diz respeito à participação dos jovens.

MARTINS, Maíra. **Juventude e reforma agrária: o caso do Assentamento Rural Paz na Terra, RJ.** 142p. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2008.

NEVES, Delma Peçanha. **Assentamento rural: reforma agrária em migalhas.** Coleção Antropologia e Ciência Política – 4. Niterói: Ed.UFF, 1997b.

PALMEIRA, Moacir e LEITE, Sérgio. “Debates Econômicos, processos sociais e lutas políticas” In: COSTA, Luiz Flávio e SANTOS, Raimundo (orgs). **Política e Reforma Agrária.** Rio de Janeiro: Maud, 1998

PERALVA, Angelina. “O jovem como modelo cultural.” In: PERALVA, A. e SPOSITO, M. (org.), **Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação,** n.5/6, São Paulo: ANPED, 1997.

SIGAUD, Lygia; L’ESTOILE, Benoit (orgs). **Ocupações de terra e transformações sociais. Rio de Janeiro:** Ed.FGV, 2006.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose. Antropologia das sociedades complexas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.